

PROJECTOS PROJECTS

As Cartas de Inglaterra (1973) de D. Pedro Homem de Mello (1904-1984)*

Miguel Alarcão
(NOVA FCSH/CETAPS)

Ilha embrulhada em mar,
Boiando, para nunca se afogar!
(“Sobrevivência”, 65)

A M^a João da Rocha Afonso (1959-2020)¹

A realização e exibição recentes do filme *Variações* (2019), de João Maia, veio reavivar, numa das suas primeiras cenas, um conhecido poema de Pedro Homem de Mello – “Povo que lavas no rio” –, musicalmente interpretado por Amália Rodrigues, Cidália Moreira, Dulce Pontes, Mafalda Arnauth e Mariza, entre outros artistas. Apesar da composição de mais textos cantados por Amália (“Havemos de ir a Viana”) e não só (por exemplo, “O rapaz da camisola verde”, nas vozes de Sérgio Godinho, António Zambujo e Raquel Tavares); da entrega dos

* No posfácio da obra, intitulado “Marginália” (119-127), o poeta declara optar pela marca titular nobre (D.) como um pseudónimo, no usufruto do direito de “(...) escolher o nome que lhe pareça melhor exprimir a sua sensibilidade artística. Trata-se, afinal, de um ajuste de contas, feito ao abrigo dessa liberdade, a que desde tempos imemoriais se chamou (...) poética.” (127)

1 Além destas singelas dedicatória e homenagem à Colega e amiga de quatro décadas, é devida uma palavra de vivo agradecimento ao Prof. Doutor Nuno Júdice, nosso antigo docente de licenciatura, pela indicação de algumas referências bibliográficas sobre a poesia de Pedro Homem de Mello.

Prémios Antero de Quental (1939), Ocidente (1964) e Nacional de Poesia (1973), e da condecoração, a título póstumo, com a Ordem do Infante D. Henrique (1985), este poeta de Entre-Douro-e-Minho encontra-se hoje praticamente esquecido ou é apenas lembrado, de quando em vez, pelos menos jovens, como um profundo conhecedor e divulgador do nosso folclore, no tempo de uma estação de televisão única e tão cinzenta quanto o próprio país.²

Não é nossa intenção abordar aqui a vasta produção poética de Pedro Homem de Mello, autor associado ao movimento presencista e a algumas revistas literárias das décadas de 1930 e 1940 como *Altura*, *Prisma*, *Litoral* e *Mundo Literário*. Em todo o caso, parte significativa da sua poesia evidencia relações de proximidade e afinidade com a literatura e a cultura populares, o que permite o estabelecimento de analogias com o Almeida Garrett (1799-1854) do *Romanceiro* e o António Nobre (1867-1900)³ do *Só*, autores igualmente nascidos no Porto e estudantes em Coimbra, para já não falar do *Romancero Gitano* (1928) de Federico Garcia Lorca (1898-1936). Alguns poemas encerram também ecos intertextuais de “O Sentimento de um Ocidental”, de Cesário Verde (1855-1886),⁴ da “Balada da Neve”, de Augusto Gil (1873-1929), etc.⁵

2 Agradecemos à Sr.^a D.^a Ana Cristina Bento Aguiar, do Departamento de Relações Institucionais e Arquivo da RTP, o envio digital dos documentos reproduzidos em anexo; veja-se também a palestra de David Mourão-Ferreira no programa “Poetas de hoje e de sempre” em 1964 (<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/pedro-homem-de-melo/>).

3 “Se te roubo, António Nobre, / É que sou pobre, tão pobre / Que aceito qualquer cantiga.” (“Harpa Eólia”, 55)

4 “De ancas opulentas, / Loiras meninas que já são mulheres / Afastam toda a imagem das tormentas...” (“Sargaceiro”, 49)

5 “E [a semente das rosas] cai no meu coração!” (“Nevoeiro Londrino”, 36)

As apreciações críticas avançadas ao longo do tempo (David Mourão-Ferreira, Joaquim Manuel Magalhães,⁶ Jorge de Sena⁷...) não são, porém, totalmente positivas, como algumas das seguintes transcrições documentam:

Pedro Homem de Mello (...) reinventa quanto faz a grandeza e o encanto das formas mais primitivas da poesia: (...) e este processo de construção externa (...) reflecte afinal a íntima dualidade de uma exuberante natureza pagã e de uma orientação religiosa que se pretende (...) ortodoxa (...). (“Contemporâneos” in Coelho, dir., I, 199)

Notabilizou-se como poeta, tentando conciliar a expressão metafórica elaborada com a tradição popular, o paganismo com a formação católica, a expressão do corpo – às vezes erótica – com valores religiosos. Nem sempre essa conciliação é conseguida e pacífica.⁸

Dele se pode dizer (...) que produziu muito mas rasgou pouco; que publicou muito e publicou de mais. Daí a submersão da qualidade pela quantidade, o que foi desencorajando os mais desatentos ou os menos pacientes a descobrirem o que, entre tantos títulos, ali ia ficando escondido e tinha jus a figurar entre os mais belos poemas líricos da nossa literatura deste século [XX]. (Nogueira 63)

6 “A sua pressuposta adesão aos princípios conservadores da política portuguesa do último meio-século acabou por o levar para o limbo a que excelentes escritores se viram condenados por uma difusão cultural que, no nosso país, foi sempre predominantemente de esquerda” (39) e “Ao mesmo tempo, a persistência de Homem de Melo em usar, em termos experimentais, processos vincadamente tradicionais e temáticas de um populismo aristocratizante, a par de um critério não dominado de expressão sentimental, atingindo muitas vezes o ridículo e o desadorado imaginístico e lexical, um excesso interjectivo, uma redundância na (...) acentuação expressiva da amizade ou do amor, da presença física ou da despedida, afastaram a maioria dos leitores recentes e fizeram cair sobre ele o (...) silêncio generalizado.” (*Ibidem*) Joaquim Manuel Magalhães insere Homem de Mello – aparentemente sem qualquer ironia – na categoria dos “excelentes poetas secundários”. (37)

7 “Como (...) nenhum outro poeta português depois de Garrett, Pedro Homem de Melo atingiu uma expressão autenticamente [*sic*] popular da sua personalidade: os ritmos, as cadências, as repetições paralelísticas, o tipo de imagística, a metáfora breve, a atitude sentimental são, na sua poesia, uma recriação vivida e atingida daquela aproximação do poeta e do povo, que foi o sonho do romantismo literário tentado entre nós por Garrett, recordado por António Nobre, transmutado por Pascoas [*sic*] e o saudosismo, literariamente [*sic*] vivido por Lopes Vieira (...).” (194)

8 Cf. <https://web.archive.org/web/20070312221914/http://www.institutocamoes.pt/cvc/poemasemana/30/saudade3.html>

Pedro Homem de Mello (...) canta com uma fria sensualidade a beleza da juventude transitória em ritmos insinuantes que elaboram, por forma discreta e moderna, certos recursos paralelísticos do lirismo popular norte-nho. (Saraiva e Lopes 1099)⁹

Aedo grego transfigurado em trovador do Minho, melancólico ‘poeta cantante’ (como a si mesmo se definiu num (...) auto-retrato em que se reconhece ‘senhor’ e ‘cigano’), (...) aristocrático e *snob*, senhor na altivez do seu populismo, (...) ele terá sido sempre e afinal um homem à parte, um homem duma (...) gregária solidão.” (Nogueira 63-64)¹⁰

“Etnófilo” dotado de grande capacidade de identificação com o povo profundo, na genuinidade ou autenticidade imemorial dos seus patrimónios e reportórios, danças e cantares, é, para nós, um tanto surpreendente a inexistência de qualquer menção a Homem de Mello no estudo que Lucile Armstrong dedicou ao folclore ibérico. Mas este monárquico,¹¹ patriota¹² e católico,¹³ cultor de uma portugalidade popular e lírica, foi também o senhor da Casa (ou Quinta) de Cabanas, em Afife,¹⁴ nesse verdejante Alto Minho, “águas-meias” com a Galiza que tanto o apaixonava e, aliás, evoca num dos poemas da obra em apreço:

9 Na sequência da apóstrofe a António Nobre (cf. *supra*, n.3), pode ler-se: “Óscar Lopes que te diga / Quanto em mim, passos perdidos / Não vão além dos sentidos!” (“Harpa Eólia”, 55)

10 João Gaspar Simões detecta uma “(...) aliança de uma arte saturada de cultura que ignora que é cultura, como uma arte saturada de rusticidade que ignora que é rústica (...)”. (350)

11 Em “Bandeira azul e branca”, (114-115) pode ler-se: “E hei-de, cadáver, sentir, / Firme, firme em cada anca / (-- Venho de Alcácer Kibir...) / Nu, o meu corpo embrulhado / (Como se farda um soldado) / Na Bandeira azul e branca!” (115) e, em “De mal com os homens”, “Mas eu não creio, eu não creio / Em quem grite à minha porta, / Sem dó por tanto receio / Que a Monarquia está morta.” (99) Finalmente, em “Marginalia”, acrescenta o poeta: “(...) nós que somos, como em verso, de uma vez para sempre, o declaramos, ‘católico, monárquico romano em todas as repúblicas do mundo!’ (...)”. (123-124)

12 Segundo Arnold Hawkins, que assina a Introdução, “(...) Homem de Mello shares with all the old Portuguese nobility a strong consciousness of race, and this sense of lineage, with which are bound up a vivid historical feeling and a sane patriotism – I say sane, because it usually happens that the smaller the country the more extravagant its nationalism – is a part of the very fabric of his thought (...)”. (14)

13 Em “Westminster”, (71-72) o poeta alude à nudez artística como disuasora da oração: “Rezarei?... / Logo se esquiva / Minha alma / A ir para a frente... // Debaixo de cada ogiva, / Falta-me o chão, / De repente!” (72)

14 Trata-se do antigo mosteiro beneditino de S. João de Cabanas, cuja fundação original é atribuída a S. Martinho de Dume (séc. VI). Cf. www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/75016.

Contemplo-te, Galiza, atrás de uma vidraça.
 Repara em mim. Não vês meus olhos rasos de água?
 Amor de perdição, amor da minha raça!
 Eu amo-te, Galiza. E o amor também é mágoa.
 Eu quero-te, Galiza. E é dor o meu desejo.
 Por isso, este poema evoca a flor agreste,
 Esfolhada ao nascer, na música de um beijo,
 Que mal há-de poisar na mão que me trouxeste...
 Saúdo-te, contudo, em tuas verdes terras,
 Terras de milho verde onde não cresce o trigo.
 Um sonho nos irmana: o mar que nos descerras.
 E o nosso rio --- o Minho! --- andou sempre contigo.
 ("Saudação à Galiza - A Don Manuel Bullosa" 40)

Justa ou injustamente, Homem de Mello não consta, porém, da lista de autores seleccionados por Helder Macedo e E. M. de Melo e Castro para a sua antologia de versões inglesas da poesia portuguesa contemporânea.

O título de *Cartas de Inglaterra* recorda inevitavelmente Eça de Queirós (1845-1900), mas, em boa verdade, nada há de comum entre ambas as obras, uma vez que a de Homem de Mello, surpreendendo quem, a partir do título, esperaria talvez um conjunto de textos epistolares ou cronísticos, reúne cinquenta e um poemas evocativos, na sua maioria, de espaços, ambiências e/ou personalidades britânicos. A qualidade dessas composições é bastante variável (nalguns casos, mesmo discutível...),¹⁵ destacando-se, em nossa opinião, três - "Procura", (100) "Poesia" (46-47) e "Despedida" (116-117) -, dos quais transcrevemos alguns versos:

15 "E esse pérfido jardim, / Frívolo, jovem, tranquilo / (Calcá-lo não é bastante!) / Como agora destruí-lo?
 // E tanto ódio nos domina / Que à laia de quem castiga / Rego cada flor de urina / Da minha própria
 bexiga!" ("Hyde Park" 105)

E com poemas, noite e dia, fiz
Degraus, degraus de um trono triste, triste...

Onde está, onde está o meu País?
Onde está o meu rei que não existe?
("Procura" 100)¹⁶

Poesia,
Triste e bela,
Que não vem de Andaluzia,
Nem tão pouco de Castela,
Que traz um cravo na boca
E uma rosa em cada mão.
(...)
Corpo viril. É tamanha
A força que em si encerra!

Ó hermafrodita estranha!
— Portugal ou Inglaterra?
("Poesia" 46-47)

Inglaterra! Inglaterra! Pátria oculta
Do meu mais masculino coração.
Por que é que às vezes nos insulta
O sonho de uma noite de Verão?
("Despedida" 116-117)

16 O filão sebastianista perpassa também em "Oxford" ("De mim partiram, sempre inacabadas / Mil páginas de livros por abrir. / Invisíveis pegadas / De tanto Alcácer-Kibir! // Último rosto ou (quem sabe?) o primeiro. / A retratar-se inteiro em qualquer face. // Ilegíveis manhãs de nevoeiro / Como se El-Rei (o meu!) nunca voltasse?" (66)

Para a área dos Estudos Anglo-Portugueses, um motivo de interesse adicional é a relação do poeta e da sua mulher, Maria Helena, com Sir Arnold Caesar Hawkins (“Bill”) e Dulcie Violet Fimister, cujo casamento teve lugar no Porto, em 7 de Junho de 1941.¹⁷ A edição de *Cartas de Inglaterra* reproduz retratos de ambos¹⁸ e Pedro Homem de Mello viria a dedicar a Arnold a “Carta a Bill”, (61-63) interpelando-o directamente nos poemas “Saudades”,¹⁹ “Conversão”²⁰ e “Aliança”;²¹ por seu turno, o amigo britânico não só assina o Prefácio de *Cartas de Inglaterra* (9-16) como compõe, numa das variantes rimáticas do modelo petrarquista, o soneto “Friendship”, datado da Páscoa de 1973 e dedicado ao casal português:

Gay peasants dancing cast a lasting spell
 On two young men, the one in full rich tide
 Of sparkling verse sprung from his countryside
 Binding the other to him. Let me tell
 How this has spread like sound-waves from a bell
 Through space and time, enfolding each one’s bride,
 Public at times, all open, bright and wide;
 At others deep and silent like a well.
 Two countries in aliance six hundred years,
 Two men throughout a lifetime’s joys and fears
 In friendship grown, although so long apart.
 And now: the magic moment when they meet
 All four in England! What is there more sweet
 Than the quick swelling of a jowful heart? (n.p.)

17 Cf. https://www.ancestry.com/search/categories/bmd_marriage/?name=Arnold+Caesar_Hawkins&birth=1929&name_x=psi.

18 O de D. Pedro por António Sampaio (1954), e o de Sir Arnold Hawkins/Bill por Júlio Resende (1946).

19 “Lembras-te, Bill? / (...) Em Afife e Carreço, / Andáramos os dois, / Frequentando esse altar / Que ensina a amar o povo, / Tão antigo no sangue / E nas paixões tão novo! // E a aprender, / Lado a lado, / A difícil gramática / Da mesmíssima escola / Aristocrática.” (20-21)

20 “Que diz a terra sem flores? / Que pode a barca sem remos? / Sem dedos que nó desato? / Porque somos sonhadores, / Bill, eu e tu não seremos / As linhas do seu retrato?” (60)

21 “– Dize-me, Bill; / -- Acaso foste a Lavos / Onde há rapazes lindos como cravos / E raparigas loiras de alvo rosto / Cantando desde o sol nado ao sol posto? / (...) / Tal como em Londres me crismeí de inglês, / Bill, sentir-te-ias luso, cá, talvez, / Se aqui viesses – cântaro vazio / A encher-se, (...) / De música e de cor (...) / A aliança, Bill, somos nós dois: /-- O amor...” (106-107). Noutra composição, pode ler-se: “Portugal? Inglaterra? / A aliança diz-nos / Que os versos (...) / Têm o aroma das lágrimas...” (“Cá e Lá” 81)

Segundo os dados biográficos disponibilizados na obra, (17-18) Arnold Hawkins, nascido no Porto e descendente, pelo lado materno, da família Dow, estabelecida no comércio de vinhos, foi também o tradutor e editor de *Lusitanian Lyrics: Selections from the Poems of Pedro Homem de Mello* (1941),²² bem como o fundador da Sala Inglesa da Universidade do Porto (1940) e do Instituto Britânico em Portugal (*The British Council*), em 1943, pelo que mereceria (como, aliás, o “Britânico”) uma investigação própria. De facto, estão ainda por fazer a história e o estudo das **origens** do ensino e da aprendizagem da língua inglesa em Portugal, através de escolas e colégios, públicos e privados, monolíngues e bilingues; tal investigação deveria igualmente abranger os primórdios das ofertas curriculares universitárias na área anglística, anglo-saxónica ou germanística, avaliando possíveis influências e impactos das duas guerras mundiais na recepção linguístico-cultural do inglês entre nós.

Obras Citadas

- Anónimo. “Arnold Caesar Hawkins”. *Ancestry*. https://www.ancestry.com/search/categories/bmd_marriage/?name=Arnold+Caesar_Hawkins&birth=1929&name_x=psi. Acesso em 19.04.2020.
- Anónimo. “Pedro Homem de Mello”. <https://web.archive.org/web/20070312221914/http://www.instituto-camoes.pt/cvc/poemasemana/30/saudade3.html>. Instituto Camões. Acesso em 19.04.2020.
- Armstrong, Lucile. *A Window on Folk Dance with special reference to the dances of the Iberian Peninsula*. Edited by Diki Gleeson. Huddersfield, West Yorkshire: Springfield Books Limited., 1985.
- Coelho, Jacinto do Prado (dir.) *Dicionário de Literatura*. 3^a ed. Porto: Livraria Figueirinhas, 1987.

22 Esta obra, que inclui setenta e sete traduções de poemas extraídos das obras *Caravela ao Mar*, *Jardins Suspensos* e *Segredo*, conta com uma Introdução do próprio Arnold Hawkins. (IX-XXV) No Prefácio, Hawkins cita uma afirmação curiosa de Cyril Connolly: “Translating from one language to another is the finest of all intellectual exercises; compared to it, all other puzzles, from the bridge problem to the crossword, are footling and vulgar.” (VII)

- Hawkins, Arnold C. *Lusitanian Lyrics: Selections from the Poems of Pedro Homem de Mello*. Porto: Livraria Lello e Irmão, 1941.
- Macedo, Helder e E. M. de Melo e Castro (eds.) *Contemporary Portuguese Poetry*. ---. *An Anthology in English*. Manchester: Carcanet New Press Ltd., 1978.
- Magalhães, Joaquim Manuel. "Pedro Homem de Melo". *Os Dois Crepúsculos: Sobre a Poesia Portuguesa Actual e Outras Crónicas*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981. 37-41.
- Mello, D. Pedro Homem de. *Cartas de Inglaterra*. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1973.
- Mourão-Ferreira, David. "Pedro Homem de Mello – Acerca da sua Poesia". *Vinte Poetas Contemporâneos*. Lisboa: Ática, 1960. 79-84.
- . "Pedro Homem de Mello: Trinta Anos de Poesia". *Hospital das Letras*. Lisboa: Guimarães Editores, 1966. 271-275.
- . "Pedro Homem de Mello". *Poetas de Hoje e de Sempre*. 01.01.1964. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/pedro-homem-de-melo/>. Acesso em 21.04.2020.
- Nogueira, Albano. "Pedro Homem de Mello, Aedo Grego, Trovador do Minho". *Colóquio Letras*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, n.º 81 (Setembro de 1984). 63-64. <http://coloquio.gulbenkian.pt/cat/sirius.exe/issueContent-Display?n=81&p=63&o=p>. Acesso em 19.04.2020.
- Oliveira, Catarina. "Convento de São João de Cabanas, incluindo a sua mata e os terrenos circundantes, que são parte própria do seu enquadramento arquitectónico e paisagístico". www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/75016. Direcção Geral do Património Cultural. Acesso em 19.04.2020.
- Saraiva, António José e Óscar Lopes. *História da Literatura Portuguesa*. 7ª edição, corrigida e actualizada. Porto: Porto Editora, Lda., s.d. (1955).
- Sena, Jorge de. "A propósito de *Adeus*, de Pedro Homem de Melo". *Da Poesia Portuguesa*. Lisboa: Ática, 1959. 193-203.
- Simões, João Gaspar. *Itinerário Histórico da Poesia Portuguesa*. Lisboa: Editora Arcádia Lda., "Biblioteca Arcádia de Bolso", nos. 31/2, 1964. 350-351.

Anexo

1973

PROGRAMAS MUSICAIS ERUDITOS

165 TRANSMISSÕES

106h 20m 01s

36 - Concertos.	28h 07m 03s
3 - Recitais Instrumentais.	52m 56s
2 - Recitais de Canto.	44m 12s
4 - Corais.	3h 01m 40s
13 - Operas.	27h 19m 20s
2 - Bailado.	2h 00m 13s
16 - Música Para Olhar.	5h 20m 21s
24 - Histórias da Música.	13h 06m 18s
10 - Falando de Ópera	4h 02m 59s
2 - Inventário Musical.	41m 53s
1 - Jazz.	37m 19s
50 - Folclore (Nacional).	19h 14m 16s
1 - Folclore (Festivais).	54m 23s
1 - Indiscriminado	17m 08s

1/6

FALANDO DE ÓPERA

Programa a cargo de Matos e Lemos, onde é explicada a obra a emitir na rubrica "ÓPERA".

Foram as seguintes as óperas explicadas: "Puritanos". Colaboração do baixo Carlos Fonseca. "DER FREISCHÜTZ", Colaboração do tenor Armando Guerreiro. "FIDELIO"; "CARMEN" (2); "HANON". Colaboração do soprano Elsa Saque. "OS MEISTERS CANTORES DE NUREMBERG"; "VIVA ALLEGRE". Colaboração do tenor Fernando Serafim e do soprano Elsa Saque. "RIGOLETTO"; "SIMÃO BOCANEGRA". Colaboração do tenor Armando Guerreiro, do barítono Luis França e do soprano Elisete Bayan.

INVENTÁRIO MUSICAL

Um novo programa de Francisco D'Orey, que esboça o Atlas Musical do País.

Vila Nova de Ourém. Coro da Filarmonica "Os Loureiros" de Palmela.

TV JAZZ

II FESTIVAL INTERNACIONAL DE JAZZ DE CASCAIS - Conjunto Status.

FOLCLORE

Com a apresentação e comentários do Dr. Pedro Homem de Melo e sob a rubrica DANÇAS E CANTADES, exibiram-se os Ranchos Folclóricos de:

Barqueiros do Douro; Corredora de Guimarães; Barcelinhos; Fazendas de Almeirim; Santa Marta de Portuzelo; Oleiros, de Ponte da Barca; Santa da Reguenga; Moureles; Amorosa, de Leça da Palmeira; S. Torcato; Vila Praia de Ancora; Fradellos; Pereira do Campo; Castorões; Santa Cruz de Riba Tãmega; Pé da Moura; Carreço; Cancioneiro de Águeda; Ilha de Pombal; Lavos; Custóias; Águas Santas; Coral do Porto; Sargaceiros de Apúlia; Maiorca(2) Torredeita; S. Mamede de Infesta; Tecedeiras de Santo Honorato; Gulpilhares; S. Cosme de Gondomar; Moreira da Maia; Mourisca do Vouga; Paredos do Douro; Gesmunde; Rancho de Pias; Vila das Aves; Rancho da Ribeira da Mata; Rancho de Santa Maria do Cabril; Rancho de Alpiarça; Rancho de Reguengos do Fetal; Rancho de S. Martinho do Crasto.

Com a apresentação e produção de Michel Giacometti e sob a rubrica O POVO QUE CANTA, foram exibidos os seguintes programas:

Música Tradicional Religiosa; O Folclore Autêntico de Paradela; Terras de Trás-os-Montes; Usos e costumes do povo de Estorões; Programa dedicado à memória de Gonçalo Sampaio, botânico e folclorista;

e ainda;

Festival das Nações-1973; Grupo Coral Etnográfico Os Trabalhadores de Ferreira do Alentejo.

INDISCRIMINADO

MESA REDONDA - Depoimentos dos Drs. Serra Formigal e Sérgio Varela Cid, recolhidos pelo Dr. João de Freitas Branco, acerca de uma série de concertos a realizar em Lisboa.

3

1972

PROGRAMAS MUSICAIS ERUDITOS

145 TRANSMISSÕES	87h 41m 52s
62 – Concertos	46h 59m 50s
19 – Recitais Instrumentais	6h 36m 26s
2 – Recitais de Canto	34m 12s
3 – Corais	49m 50s
7 – Óperas	11h 59m 32s
3 – Bailado	2h 26m 40s
5 – Música para Olhar	1h 36m 47s
4 – História da Música	1h 53m 28s
5 – Falando de Ópera	1h 57m 28s
35 – Folclore	12h 47m 43s

CONCERTOS

CONCERTO DE ANO NOVO – ABERTURA DA OPERETA O MORCEGO, de Johann Strauss; POLKA FRANCESA POR FAVOR, de Johann Strauss; OS BURGUESES VIENENSES, de Carl Michael Zieheer; A MARCHA RUSSA, de Johann Strauss; POLKA PIZZICATO, de Johann e Josef Strauss; JOCKEY POLKA, de Josef Strauss; ONDE FLORESCEM OS LIMÕES, de Johann Strauss; DE BRAÇO DADO, de Josef Strauss; ARREBATADOS NO AMOR E NA DANÇA, de Johann Strauss; O GALOPE DOS BANDIDOS, de Johann Strauss; O BELO DANUBIO AZUL, de Johann Strauss; MARCHA RADETZKY, de Johann Strauss, pel. Orquestra Filarmónica de Viena dirigida pelo Maestro Willy Boskowsky, Colaboração do Ballet da Ópera Popular de Viena.

TE DEUM, de Bertioz. Orquestra Sinfónica de Lonres, dirigida pelo Maestro Colin Davis

AUDITÓRIO MUSICAL – IV SINFONIA, de Brahms. Orquestra Filarmónica de Lisboa, dirigida pelo Maestro Manuel Ivo Cruz.

AUDITÓRIO MUSICAL – CONCERTO PARA PIANO N.º 5, de Beethoven. LARGHETTO DO CONCERTO N.º 2, de Chopin. Artur Rubinstein, piano. Orquestra Filarmónica de Paris, dirigida por Paul Klecky.

4

MÚSICA PARA OLHAR

Música de Marin Marais ilustrando pinturas e desenhos do artista Abraham Bosse.

Ingres e Richard Strauss.

Dois Prelúdios e Fuga, de Bach, ilustrados com pinturas de Leonard da Vinci.

A Batalha da Vitória Op 19, de Beethoven, e quadros descritivos das vitórias do General Wellington.

Concerto em Ré, de Bach, ilustrado com pinturas de Georges Braque.

HISTÓRIAS DA MÚSICA

Os compositores Schubert e Mozart.

John Strauss (2)

Franz Schubert.

FALANDO DE ÓPERA

Comentários e explicações sobre ópera, ilustrados com excertos das mesmas:

"As Bodas de Fígaro.

"Cosi Fan Tutte", (2)

"O Elixir do Amor" e "Don Pasquale"

"O Barbeiro de Sevilha".

FOLCLORE

Com apresentação e comentários do Dr. Pedro Homem de Melo sob a rubrica "Danças e Cantares", exibiram-se os Ranchos Folclóricos de:

S. Martinho da Gândara; Ovar; Tá-Mar, da Narezé; Sento Tirso; Córdacos, de Oliveira de Azeméis; Bordalo, de Coimbra; Vila das Aves, de

PROJECTOS / PROJECTS

Santo Tirso; Academia de Danças do Norte; Cavernães, de Viseu; Parada de Gatim, de Vila Verde; Lamelas, de Santo Tirso; Areosa, de Viana do Castelo; Orquestra Típica e Coral de Águeda; Lourosa, de Oliveira do Hospital; Silvares; Rebolaria, de Leiria; Portalegre; Bairrada, de Águeda; S. Cosme, de Gondomar; Pombal.

Com a apresentação e produção de Michel Giacometti e sob a rubrica "O Povo Que Canta", foram exibidos os seguintes programas:

Ciclo de Doze Dias—Cantos das Janeiras e de Reis; Cantos de Trabalho (3); O Desafio na Sociedade Rural; Polifonia Popular (2); Cantadeiras Populares; Cantos e Ritmos de Trabalho; Romaria em S. João do Rosmaninhal; Fragmentos de um Inquérito em Salir; Música de Passatempo; O S. João na Tradição Musical Popular; Cantos e Músicas de Romaria; Música Instrumental Popular.

6/6